

A COMUNIDADE NA RELIGIÃO CONSUMADA HEGELIANA A PARTIR DOS CONCEITOS UBUNTU E AMOR

[THE COMMUNITY IN HEGELIAN CONSUMMATED RELIGION FROM THE UBUNTU AND LOVE CONCEPTS]

Álvaro Veloso Francisco Bô*

Universidade Licungo, Moçambique
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

RESUMO: O presente artigo intitulado, A comunidade na Religião Consumada Hegeliana a partir dos conceitos de Ubuntu e Amor, tem como objetivo compreender como Ser humano (munthu) participa da comunidade sub égide do Espírito. Esse Espírito para Hegel é a comunidade; é a consciência de Deus que existe e se realiza na relação entre Deus-Pai e Deus-Filho. O cerne para apreensão dos costumes e instituições do ser humano Bantu é a unidade da vida com a comunidade cujo mediador é o Espírito (muzimu); isso, se associa a um princípio único nos munthu - a participação. De forma ontológica o Bantu se encontra em união vital e intersubjetiva com os antepassados, os vivos e aqueles que estão por nascer na comunidade, que desemboca em uma prática religiosa. Os Bantus têm a noção de Espírito absoluto em primeiro plano; o manancial e a plenitude de vida. Por isso, a vida é o maior dom. Os antepassados receberam-na de um Ser absoluto, para a comunicar e defendê-la na comunidade. O Espírito sendo dinâmico impregna todo universo, na base do amor e reconciliação que acontece numa relação intersubjetiva, de modo real.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade; Bantu; Amor; Intersubjetividade e Reconciliação.

ABSTRACT: The present article entitled, The community in the Hegelian Consummate Religion from the concepts of Ubuntu and Love, aims to understand how a human being (munthu) participates in the community under the aegis of the Spirit. This Spirit for Hegel is the community; it's the consciousness of God that exists and is realized in the relationship between God-Father and God-Son. The core for apprehending the customs and institutions of the Bantu human being is the unity of life with the community whose mediator is the Spirit (muzimu); this is associated with a single principle in the munthu, -the participation. Ontologically, the Bantu is in a vital and intersubjective union with the ancestors, the living and those who are yet to be born in the community, which leads to a religious practice. The Bantus have the notion of absolute Spirit in the foreground; the source and fullness of life. Therefore, life is the greatest gift. The ancestors received it from an absolute Being, to communicate and defend it in the community. The Spirit, being dynamic, permeates the entire universe, on the basis of love and reconciliation that takes place in an intersubjective relationship, in a real way.

KEYWORDS: Community; Bantu; Love; Intersubjectivity and Reconciliation.

INTRODUÇÃO

A Comunidade na Religião Consumada Hegeliana a partir dos conceitos Ubuntu e Amor é o título proposto, cuja relação intersubjetiva na

* *Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia e docente da Universidade Licungo – Moçambique, da Faculdade de Letras e Humanidades. E-mail: alboju3@gmail.com*

comunidade desempenha um papel primordial na vida religiosa e também humana, porque estamos unidos de forma vital no mesmo espírito a *força vital!*

Comunidade em Hegel é a realização de Deus enquanto espírito objetivo, a idéia na aparência. Nessa realização o espírito toma consciência de si mesmo e do mundo.

O fato religioso tem um carácter de uma experiência individual com um sentido comunitário. Isso porque, o homem religioso (*munthu*) não se contenta com sua experiência particular, sem que sinta a necessidade de a transmitir aos membros do seu grupo, para que também eles participem das emoções e das luzes que ele recebeu (Cf. MARTINEZ, 2009, p.17). Essa manifestação de comportamento em partilhar a experiência do fenómeno religioso, consciência de si, o espírito que nele se revelou aos demais membros da comunitário. Essa foi de modo semelhante a experiência de Maria Madalena “de quem havia expulsado sete demônios. Ela foi anunciá-lo àqueles que tinham estado em companhia dele e que estavam aflitos e choravam” (Marcos, 16, 9-10).

A cosmovisão africana em geral e particularmente nos Bantus têm Ubuntu como espírito da comunidade. Ubuntu sendo [espírito], a comunidade é o espaço de manifestação dele, na qual carrega em si uma liberdade universal. Nela, o amor, a compaixão, partilha e o cuidado de um para com Outro ou uns para com os Outros é seu lugar.

A comunidade é a essência do *munthu*². É neste ponto onde “eu existo porque pertencço”, se diferenciando do “penso logo existo” cartesiano (TUTU, 2012). Por isso, a comunidade Ubuntu assenta na base intersubjetiva, a partir das estruturas objetiva da participação dos membros na comunidade, como uma realidade existente e histórica.

Comunidade é a relação do sujeito (Jesus) com a verdade (Deus), que atinge uma unidade consciente – Espírito. “O Espírito [é aquele] que capta espiritualmente essa história que se passa no fenomenal e que ali conhece a Ideia de Deus, sua vida, seu movimento” (HEGEL, 2018, §194, p. 267), num desdobramento intersubjetivo.

A máxima *Umntu ngumtu ngabantu* (uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas); aqui nasce a comunidade Bantu. A comunidade para os Bantus é profundamente religiosa. O eu se torna verdadeiramente eu, por meio de outros [antepassados - *azamaani*], que são denominados de *muzimus* (espíritos). Ubuntu[comunidade] também é considerado de *Simunye* (nós somos um) unidade intersubjetiva, que equivale a comunidade.

Na Religião consumada, a comunidade é a consciência do processo de relação de exteriorização de Deus enquanto um elemento universal simples (não exteriorizada), que por via do Filho-Jesus durante a particularidade, exterioriza-se enquanto idéia, que é o Espírito. Ao passo que, a fê é o mediador entre Deus e o Homem.

Na Religião Tradicional Africana (RTA), Ubuntu é fortemente religioso (lugar de superação) pelo fato de não somente os vivos terem o dever de compartilhar e cuidar uns dos outros, mas também os *vivos e mortos-vivo* dependem uns dos outros (Cf. TUTU, 2012, p.42). Hegel comenta que, o *em si e para si*, a ideia universal de Deus, para que seja verdade para o homem, para que esta verdade não exista para ele por pensamento especulativo, deve ser representada como algo histórico (Deus-filho), que foi realizado na terra, no fenomenal. Por isso Deus se fez homem, por via do seu Filho Jesus. Este é o pressuposto em que primeiro devemos acreditar por meio da fê.

De modo semelhante, o Bantu sabe que, a partir do constitutivo do seu ser, está vitalmente unido aos antepassados e para sempre com Criador na comunidade, onde se reconciliam (Cf. ALTUNA, 2014, p.199), mais também na crença os *mortos-vivo* são mantidos na comunidade. Nisso, a comunidade cristã é vista como completa – consumada. Observando os aspectos de cada uma das comunidades acima apresentados,

podemos questionar que a comunidade cristã e Bantu são religiosamente equivalentes?

Para operacionalizar o problema que acabamos de colocar, decidimos nos ater na comunidade Bantu da Religião Tradicional Africana, seguindo objetivos de querer compreender como Ser humano (*munthu*) participa da comunidade movido pelo Espírito e explicitar o amor como cerne da relação comunitária.

Os métodos usados para efetivação deste trabalho foram basicamente o de levantamento bibliográfico, dedutivo e hermenêutico. Nele, comportam três itens estruturantes: a intersubjetividade na comunidade Bantu e Hegeliana da religião cristã têm aspectos semelhantes; o amor como característica da comunidade e por último, a comunidade como lugar de suprasunção.

1. A INTERSUBJETIVIDADE NA COMUNIDADE BANTU *VERSUS* COMUNIDADE HEGELIANA

O ser humano a partir da sua “situação fundamental” (de ser um finito e situado) é um ser aberto para o Outro. É pela sua abertura que o faz de um indivíduo relacional; uma relação que lhe move à transcendência, que pode ser um movimento *horizontal* (relação de dois ou mais sujeitos finitos) e *vertical* (relação de um sujeito situado com um Ser infinito). A partir desse ponto, podemos aferir que o ser humano tem uma dimensão espiritual.

Nisso, reside a dimensão espiritual não só na perspectiva de *pneûma* (vida), que tende aperfeiçoá-la, mas também na consciência-de-si [*synesis*], uma perspectiva do conhecimento de si do espírito absoluto.

A categoria do espírito no ser humano ou a estrutura noético-pneumática do seu ser é atravessado pela tensão entre a categorial e o transcendental (...). Entendemos por transcendental, no sentido de condição intrínseca de possibilidade, do espírito pertencer à estrutura transcendental do ser do Homem, isto é, a categoria interior ao discurso com o qual afirmamos o ser do Homem (Cf. Vaz, 1991, p.208).

É na comunidade religiosa, onde se situa o espírito; o lugar da intersubjetividade e de abertura do ser humano para o Outro. A comunidade é o lugar de acolhimento, e de manifestação do ser humano e também do ser absoluto.

Antes de entrarmos no cerne do assunto a qual nos propusemos, pretendemos explicitar de forma sucinta alguns conceitos fundamentais como: *a intersubjetividade e comunidade*. A intersubjetividade é uma propriedade na qual os sujeitos diferentes têm opiniões coincidentes; quando assim acontece é porque os sujeitos têm uma natureza comum. O encontro face-a-face entre Homens é mais denso em intersubjetividade.

Nós a partir da nossa subjetividade conhecemos o Outro e somos conhecidos pelo Outro a partir da sua subjetividade; isso nos mostra que a relação neles é recíproca. A experiência da reciprocidade e do encontro diz-nos que o Outro de facto existe. “O outro é um mediador, que me permite descobrir a mim mesmo como sou constitutivamente. ‘O caminho da interioridade passa pelo outro’; o homem é um ser que implica o ser do outro em seu ser; o homem é ser-para-outro” (RABUSKE, 2001, p.147).

Na intersubjetividade, a realidade da vida quotidiana numa comunidade é partilhada com os outros. O ser humano vive em constante contacto ou interação com outros Homens na comunicação. Há casos em que a interação advém com os objetos, mas a presença em “cheio” do outro acontece na situação de face-a-face, afastando a possibilidade duma relação objetual (Cf. BUBER, 1974, p.32).

Por outro lado, temos o conceito comunidade [*Gemeinschaft*], que é uma

categoria da relação em que ocorre uma ação recíproca. Nela, os sujeitos estão numa comunhão dinâmica e perfeita entre eles. Contudo, a partir do Romantismo Schleiermacher (1799), o termo comunidade foi usado para indicar a forma de vida social caracterizada por um vínculo orgânico, intrínseco e perfeito entre os membros.

A experiência humana com o sagrado vem ocorrendo desde a milénios, e em várias partes do planeta. Desde a idade média até à modernidade, o cristianismo se expandiu no mundo e passou a ser considerada religião completa e verdadeira, relativamente as outras religiões consideradas de “folclóricas”.

A comunidade Bantu no contexto da Religião tradicional africana (R.T.A) tem o Ubuntu [espírito] como *força* da comunidade, que de forma intersubjetiva congrega outras *forças* espirituais.

Na Religião consumada [Cristã] segundo Hegel, a comunidade se constitui a partir da negação da idéia sensível [morte de Jesus], na qual o espírito apreende a idéia de Deus existindo como comunidade.

Na comunidade Bantu o Ubuntu [espírito] é fundamentalmente intersubjetivo, visto que na afirmação do filósofo sul-africano Louw, “uma pessoa não só é uma pessoa por meio de outras pessoas, mas também por meio de todos os seres do universo” (LOUW, 2010, p.5). O ser humano é, por meio dos outros seres. Na religião tradicional africana, a categoria da relação é de capital importância, visto que o ser humano na comunidade, não se relaciona apenas com os vivos, mas também, com mortos-vivo[antepassados] e com outras *forças* da natureza.

Ao afirmarmos que Ubuntu é claramente [espírito] religioso (resiliente) e comunitarista, pretendemos reafirmar que, não só os vivos devem compartilhar e cuidar uns dos outros, mas os vivos e mortos intersubjetivamente dependem um dos outros (Cf. Idem).

Por isso, no contexto da religião, a comunidade Bantu congrega os mortos-vivo, os vivos e os que estão por nascer; eles se interligam por um espírito mais superior – *força vital*. Na comunidade, as relações imediatas acontecem de forma simples, mais também existem as relações mediadas, que ocorrem (formalmente) por via de culto [mukutho]³ e seguem os rituais prescritos na comunidade de crentes.

Quando a comunidade recebe um novo membro, ela é submetida a ritos (de passagem) gradualmente, com vista a tornar se pessoa “por meio de outras pessoas”, que a introduzem na comunidade. Sendo assim, *tornar-se pessoa por meio de outras pessoas*, significa passar por uma cerimónia mukutho de iniciação ou várias, para que o novo membro tenha acesso ao espírito dos antepassados [muzimo wa dzidza]⁴.

A referência dos antepassados na comunidade é confundida com “veneração dos antepassados”; na verdade é menos percebida esse ritual, e se entende de idolatria em relação com outras religiões. O que acontece com os antepassados é apenas uma forma acentuada do respeito dispendido aos anciãos da comunidade, durante a sua passagem na terra (quando vivos); e quando mortos, sua autoridade moral é exercida somente na forma moral (em memória) de boa conduta, que se baseia na busca da harmonia imparcial de interesses humanos. Esse procedimento ainda visa manter a relação permanente, mesmo depois da morte.

Os Bantu possuem ideia de um ser supremo [absoluto] que é colocado em primeiro plano; em seguida na ordem são colocados os “espíritos” dos antepassados (os fundadores de clã) – os mortos-vivo; depois temos a espécie humana (os vivos) e por fim, os animais e plantas. Ao estabelecerem relação com este ciclo, envolvendo rituais entre o absoluto, os mortos-vivo e os vivos, não somente mostra que ocupam na relação uma posição especial (poderosa e preponderante), mas Eles são amados e respeitados pelos vivos. Nesse âmbito, encontramos implicitamente a intersubjetividade, na qual o

“mundo” dos antepassados deve ser entendido num *continuum* e análogo a comunidade dos vivos; as interações entre o absoluto, antepassados (mortos-vivo) e os vivos são avaliadas comunitariamente na base de ações quotidianas com vista a encontrar um equilíbrio e harmonia de *nós* na comunidade Bantu.

Na Religião Cristã, a comunidade é entendida na base da “relação do sujeito (homem Jesus) com esta verdade (Deus), de modo que o sujeito, permanecendo em relação a ela, atinge precisamente esta unidade consciente, se julga digno dessa unidade conhecida, produz em si mesmo e se enche dela” (HEGEL, 2018, p.269). Portanto, o espírito divino é intersubjetivo quando media os sujeitos singulares mediante a fé.

Ubuntu existe na intersubjetividade que acontece na comunidade entre os mortos-vivo, os vivos e os que estão por nascer; este Ubuntu é a fonte de entendimento e da reconciliação dos membros; é a fonte da consciência do existir *com* outro.

1.1.O Amor como caraterístico da Comunidade

A Comunidade nos Bantu é um lugar que se orienta na base da espiritualidade do Ubuntu que afirma *umuntu ngumuntu ngabantu*. Este aforismo tradicional Bantu articula-se na compaixão pelo Outro. E o ser humano que tem compaixão é aquele que possui coração, semelhante ao amor.

É pelo amor na comunidade que os vivos devem partilhar e cuidar um dos outros; os vivos e os mortos-vivos dependem uns dos outros – um amor recíproco.

Na tradição Bantu a comunidade é também um espaço de consenso e reconciliação. O consenso no Ubuntu não tem sua base na razão, mas sim na crença ou fé. A razão discursiva na comunidade nem sempre prevalece; ela é abafada pela obsessão de se identificar com outro; o *munthu* concorda em tudo – o sentimento de conformidade.

A Presença de compaixão na comunidade não significa que não haja o lado contrário do amor, o ódio. Ele, de quando em vez é revisitada quando não se cumpre um dever por um membro da comunidade; e no desvio da norma, o membro é severamente punido, como forma de repor a ordem.

Na religião Bantu o *munthu* tem consciência de que é na comunidade onde se manifesta a unidade de todos os entes, a totalidade viva da consciência universal, que é a consumação da trindade na concepção cristã. Nos Bantu a comunhão entre os antepassados (mortos) e os vivos se efetiva na comunidade, nos convívios familiares ou nos pequenos grupos clánicos que organizam cerimónias de “ação de graça”, pelo nascimento de um novo membro, pela queda da chuva que permitirá uma boa colheita e prosperidade da família etc.

“Só uma vida comunicativa é verdadeira, satisfeita, divina (...): Deus é uma vida comunicativa, vida e essência do amor e da amizade. A terceira pessoa da trindade só expressa o amor recíproco de ambos as pessoas divinas, é a unidade de filho e pai, o conceito da comunidade” (FEUERBACH, 2007, Pp. 92-93).

O Ubuntu [espírito] é o amor que a *força vital* do absoluto interage com os anciãos e os vivos (*munthus*), e nesse ato, inversamente os vivos interagem no amor com os anciãos e o absoluto (Deus).

Ubuntu é entendido também como *oikos*; o lugar onde habitam todas as *forças* cósmicas. Por isso, Ubuntu[comunidade] representa a afetividade do espírito; um espírito que nos impele ao Outro em aceitá-lo e amá-lo como ele é – amar o diferente. O amor que o espírito Ubuntu nos inspira transcende o âmbito familiar (amor do pai, filho, mãe e irmãos) -particular, para a escala universal; amar Outro diferente na cultura, na

língua e crença religiosa.

Na religião Bantu o espírito Ubuntu constrói um amor intersubjetivo e não subjetivo. Isso porque o *munthu* se define no contexto do relacionamento com os outros *munthu*, incluindo os mortos. Esta intersubjetividade se entende na consciência coletiva expressa na cultura africana que alimenta e faz prosperar a subjetividade do ser humano africano.

A idéia de *seriti* (energia), que Louw cita ao Shutte (1993) explica que, o *munthu* acredita que há uma energia, um poder ou força que reivindica para nos fazer a nós mesmos e unir em interação pessoal com os outros (Cf. LOUW, 1997, p.6).

Pelo amor o Ubuntu [espírito] percebe que o Outro é irreduzível, possui liberdade. Uma liberdade que se realiza como racionalidade e se opõe a tudo que é objetivação ou escravização do Outro. Ubuntu denota um estado de ser e vir a ser permanente e um processo de autorrealização por meio de outros e aumenta também a autorrealização de outros.

O Espírito [é aquele] que capta espiritualmente essa história que se passa no fenomenal e que ali conhece a idéia de Deus, sua vida, seu movimento” (HEGEL, 2018, §194, p.267). Hegel coloca o espírito (espírito de Deus que é amor) na dimensão universal. O Ubuntu é aquele que também capta a espiritualidade do Bantu, orientando-os historicamente naquilo que é essencial – o amor, a compaixão e o cuidado de um *munthu* para com o outro.

O Ubuntu [espírito] está mostrando a humanidade que a reconciliação (como manifestação do coração que ama e perdoa) é possível entre os *munthu* (pessoa), e deve ser representada historicamente. Ao representarmos a doutrina da reconciliação na comunidade, estaremos a expor a verdade a ela como seu conteúdo, para que o *munthu* participe da verdade, na forma prática. Quando os corações dos irmãos desavindos são impelidos à reconciliação na comunidade, a fé interior orienta os à verdade.

A comunidade Bantu é lugar de *ethos*. Assim como fizemos referência acima, que a comunidade é *oikos*, aqui pretendemos elucidar que é por bom hábito transmitir aos membros da comunidade, os verdadeiros costumes. Os costumes considerados bons e que tem sido considerados verdadeiros valores desde antiguidade, devem continuar sendo partilhados na comunidade. Os métodos ancestrais usados na comunidade Bantu, em sentar-se em volta duma lareira, no fim de um dia de grande faina, os mais velhos da família contam estórias, na qual, no fim do conto se explica a moral dela, deve-se manter presente na comunidade.

Estando numa aldeia global onde impera a tecnologia, as comunidades ditas “tradicionais” estão em extinção. A globalização está anular os valores de: escuta, partilha, cuidado do outro etc. As famílias já não dialogam; os indivíduos nelas pertencentes falam e não comunicam, e quando a autoridade familiar fala ninguém a escuta. Cada geração olha para trás para aprender o que o passado tem de bom e recusar o que não lhe convém. Portanto, esta escolha faz-se em função da vida presente, da realidade social presente. Temos que refletir como está o relacionamento nas comunidades e se ela está cumprir a missão de reconciliar os corações.

1.2. Comunidade como lugar de suprassunção

Quando os membros duma comunidade se reconciliam é porque tomaram a consciência de não extremarem as posições de contenda e escolheram resolver amigavelmente (baseando se no amor) como alternativa ao julgamento judiciário. Pegando a expressão “tomada de consciência”, pretendemos explicar que a

reconciliação é a posição viável de tomar, na manutenção de relacionamento, para não anular eventualmente aquele irmão que errou e deve ser considerado “culpado” na comunidade.

O amor deve caracterizar a comunidade para sempre trazer e manter os sujeitos na comunidade (aquele pecador), para supressumí-lo. Condenar e abandonar o *munthu* sem que se dê uma possibilidade de arrependimento e reconciliar-se com Deus, com próximo e consigo mesmo, pode ser um método impróprio na comunidade.

A supressunção [*aufhebung*] pode ser empregue ao contexto da comunidade, para que os três termos: anulação, preservação e elevação, nos permita refletir as relações humanas nos cristãos e não cristãos.

Supressunção no contexto Bantu deve ser entendida como um processo que avança do inferior para superior, - processo de perfeição.

Se a comunidade é lugar de amor, então na relação com outro, a intensão deve ser de elevar e preservar o outro. A comunidade não deve ser lugar *ab pungna*, [onde vence o forte], mas lugar *ad miserere* (de misericórdia) e de reconciliação. Reconciliação daquela ideia universal subjetiva que envia seu filho para reconciliar-se com os homens na comunidade.

A comunidade é o lugar onde se manifesta o espírito consumado. Nela, o espírito encarnado nos vivos (seres humanos) encontra a consciência-de-si se diferenciando do seu estado inicial.

O homem divino morto ou Deus humano, é em si, a consciência-de-si universal; ele tem de tornar-se isso para esta consciência-de-si. Ou seja, enquanto ela constitui um lado da oposição da representação – a saber, o [lado] mau, para o qual contam como essência o ser-ai natural e o ser-para-si singular – esse lado, que como independente ainda é representado como momento, deve por sua independência elevar-se ao espírito, em si mesmo e para si mesmo; ou, deve apresentar nele o movimento do espírito (HEGEL, 2003, § 781, p.524).

O Homem enquanto ser-ai na comunidade está em movimento de elevação (supressunção) média – grau médio, carente de perfeição; ele deve completar sua elevação na base de rituais (ritos de passagem) para aceder o espírito dos anciãos; na morte do *munthu*, seu espírito se realiza plenamente; isso expressa a categoria da relação. Nos cristãos este processo começa com batismo. Por isso, nos Bantu somente a morte de um ancião é considerado como “realização”; porque é um ente que completou o ciclo de vida. Assim, com a morte ele completou os rituais. Será ele que em momentos de culto, o seu nome é mencionado ou evocado.

A morte de uma criança, jovem e um adulto, os ritos realizados são diferentes comparativamente com o ritual da morte de um ancião. O ancião (morto-vivo) seu espírito está na comunidade; o seu espírito é supressumido ao absoluto mediante orações, tornando desse modo unido à comunidade e tornando-a mais forte. “Morrer é uma volta ao lar definitivo” (LOUW, 1997, p.2).

Na morte de um ancião, a comunidade não fica triste (órfão), com um sentimento de perda total, mas na fé os membros sabem que o ancião está *entre* ele em espírito. A essência particular do ancião agora habita apenas no interior (na consciência) dos vivos e permanece viva na comunidade. Para o efeito, o *munthu* capta na fé e na representação a unidade abstrata da natureza espiritual do ancião e da essência humana.

Hegel acrescenta que, “nessa fé e nesse pressuposto, ocorre então que o sujeito reelabora profundamente sua naturalidade e luta contra ela. Isso, por um lado, é um ato de sujeito e, por outro lado, do Espírito Santo. Mas esse Espírito não é algo fora dele, mas seu próprio espírito no qual ele acredita” (HEGEL, 2018, p.354).

Outro aspecto dos Bantu que deve ser referenciado e que tem uma dimensão

religiosa e a de mais, resiliente é Ubuntu. Ubuntu [espírito] anseia suprassumir a comunidade dos *munthu* à religião. Isso se observa quando o *munthu* tem consciência da sua limitação e finitude; daí realiza um movimento de reflexão – introspecção, porque ele aspira o conteúdo divino para se tornar virtuoso. Daí, a comunidade também é um lugar ético [ética-intersubjetiva].

A comunidade Bantu é dependente das figuras como: [*munthu* (os vivos), anciãos, antepassados (mortos-vivo), os que estão por nascer, animais e plantas]; graças a estas figuras a comunidade passa ter o conteúdo divino e o amor passa a ser característica dela.

Na comunidade, crianças e jovens precisam dos anciãos para serem entronizados mediante um processo de doutrinação (passando valores de amor, perdão, responsabilidade em volta da lareira), e os anciãos por sua vez precisam dos antepassados para a mediação do espírito e elevá-lo ao absoluto (Deus) e por último, num processo cíclico, os antepassados (mortos-vivo) precisam dos vivos para serem memorados e presenteados na comunidade. Portanto, traz-se à consciência, a idéia do nós, visto que estão ligados intimamente por meio do espírito.

O indivíduo na comunidade é *si mesmo* e ao mesmo tempo é um Outro. Mas essa união e preservação se funda no amor. Embora se diga que existe uma união entre deuses consigo mesmo e entre os homens e seus semelhantes na comunidade na base de amor, Hegel afirma que “a unidade nesse infinito amor brota da infinita tristeza” (HEGEL, 1895, vol.3, p.106), que pretende associar a experiência da morte dolorosa de Cristo, que os fiéis lembram na comunidade.

Nos cristãos assim como os negros Bantu, o objeto da devoção deve ser suprassumido – negado num primeiro momento, conservado na mente dos fiéis e finalmente elevado ao universal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade como horizonte da relação intersubjetiva entre seres humanos é um problema filosófico por um lado e religioso, por outro, na sociedade contemporânea. A cultura (resumida do âmbito material) e a ética (valores, normas e fins) se encontram numa dicotomia e geram conflitos individuais e comunitários.

Na Religião Tradicional Africana (RTA) assim como na Religião consumada Cristã, a categoria da relação-intersubjetiva é a prior a categoria da comunidade.

Hegel na sua filosofia da religião mostra essa relação no seu pensamento, quando apresenta uma tríade entre lógica-natureza-espírito. Onde a universalidade de Deus (idéia lógica) se efetiva através da igreja, por via do seu Filho-Jesus na comunidade.

A cultura ocidental conseguiu expandir universalmente a sua ideologia, os seus símbolos por um lado, impondo-se às outras culturas e por outro lado, não conseguiu estabelecer equilíbrio entre a dimensão lógica do agir humano e a dimensão teleológica desse agir, colocando assim seu próprio sentido, que se expressa na ética, como uma crise de relação. Perante esta crise, as religiões têm jogado um papel fundamental no resgate dos valores, na medida que conservam uma comunidade genuína e quiçá de modelo para as demais comunidades.

Para os Cristãos, na concepção hegeliana, a comunidade é enquanto consciência do processo intersubjetivo de universal (Deus-pai), particular (Deus-filho) e singular (Espírito santo). Comunidade é o conjunto dos fiéis unidos na fé que os leva à verdade. E a verdadeira comunidade é a Igreja, o lugar onde o espírito se manifesta aos súditos. Espírito é a capacidade do entendimento entre Deus, filho e espírito (comunidade) na fé

de reconhecer a verdade comum, - a doutrina divina, baseada no amor e reconciliação.

Face à crise cultural não só a comunidade cristã tem se posicionado, mas também o espírito Ubuntu mostra esperança à humanidade no resgate dos valores. Ubuntu sendo espírito [força vital] é dinâmico na comunidade; o seu espírito é aquele que se sabe na relação recíproca entre os mortos-vivo, os vivos e ainda com aqueles que estão por vir na comunidade. A comunidade é uma teia de relações entre o Divino, os vivos (seres humanos) e natureza.

Ubuntu é a essência de ser uma pessoa. Não podemos ser plenamente humanos sozinhos, mas com Outras pessoas. Somos seres abertos e disponíveis aos Outros de forma interdependentes na partilha, no amor, cuidando um do Outro.

“O amor harmoniza todas as coisas, mesmo a oposição absoluta” (HEGEL, 1895, p.121). Para o autor o bem e o mal já foram reconciliados no filho pelo amor aos humanos. O amor é o laço de união (trindade); o princípio de mediação entre o perfeito (Deus-filho) e o imperfeito (o homem), entre o ser sem pecado e o pecador.

Os Bantus contemplam a criação com um olho unitário do espírito que se vai concretizando ou efetivando em diferentes níveis de existência (graus dos ritos de passagem). A participação na comunidade é o fundamento último, não só pessoal (*munthu*) de cada ser humano, mas desta unidade na multiplicidade, desta totalidade intersubjetiva, concêntrica e harmônica do mundo visível e invisível.

REFERÊNCIAS

- AAVV, *A Bíblia de Jerusalém*, Editora Paulus, São Paulo, 1985.
- ALTUNA, Pé. Raul Ruiz de Asúa. *Cultura Tradicional Bantu*, Portugal, 2ª edição, Editora Paulinas, 2014.
- FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, Trad. José da Silva Brandão, Rio de Janeiro-Petrópolis, Editora Vozes, 2007.
- HEGEL, G. W. F., *Filosofia de la religión*, traducción Ricardo Ferrara, Madrid, Editorial Trotta, S.A., 2018
- HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em epitome*. Vol. 1 – A Ciência da Lógica. Trad. Paulo Menezes. São Paulo: Edições Loyola. 2005.
- HEGEL, G. W. F. *Fé e Saber*, Trad. Oliver Tolle, São Paulo, Editora Hedra, 2007.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Menezes, São Paulo, Vol. único, 2ª Edição, Editora Vozes, 2003.
- LOUW, Dirk. “*Ser por meio dos outros: o Ubuntu como cuidado e partilha*”, In Revista do Instituto Humanitas Unisinos, Edição 353, ano X, de 06 de dezembro de 2010.
- LO.UW, Dirk *Ubuntu: uma avaliação africana do outro religioso*, África do Sul, Universidade do Norte, Paideia, 1997, Pp. 1-11.
- MARTINEZ, Francisco Lerma. *Religiões Africanas hoje: Introdução ao estudo das Religiões Tradicionais em Moçambique*, 3ª Edição, Maputo, Editora Paulinas, 2009.
- NOGUERA, Renato. *Ubuntu como modo de Existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista*, Rio de Janeiro, Revista da ABPN, vol. 3, nº. 6, fev. 2012, p. 147-150
- RABUSKE, Edvino. *Antropologia Filosófica: um estudo sistemático*, Petropolis, 8ª Edição, Editora Vozes, 2001.
- RAMOSE, Mogobe B. *A Filosofia do Ubuntu e Ubuntu como uma Filosofia*, In: African Philosophy through Ubuntu. Tradução de Arnaldo Vasconcellos. Harare: Mond Books, 1999, Pp. 49-66. Artigo acessado em <https://www.Scielo.br> no dia 01.12.2020.
- TUTU, Desmond. *Deus não é cristão: e outras provocações*. Trad. Lilian Jankino, Rio de Janeiro, Editora Thomas Nelson Brasil, 2012.
- VAZ, Henrique Claudio Lima. *Antropologia Filosófica I*, São Paulo, Editora Loyola, 1991.

NOTAS

1 Força vital é um termo da categoria ontológica da Filosofia africana Bantu, criada pelo

Missionário Belga Placide Tempels no congo Belga, atual República Democrática do Congo, que designou Força vital como energia vital, vida, vida vigorosa etc.,

2 *Munthu* – termo da língua Bantu que significa pessoa.

3 *Mukutho* é uma palavra da língua local (dialeto do grupo linguístico chuabo) de Moçambique, que significa, culto.

4 Espírito do clã. Este pode ser designado também por totem.